

# Os peixes na reflexão ecoteológica da Bíblia Hebraica

*Fish in the Ecotheological Reflection of the Hebrew Bible*

Matthias Grenzer  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Brasil

Fernando Gross  
Centro Cristão de Estudos Judaicos - Brasil

## Resumo

Os textos milenares formadores da Bíblia Hebraica trazem consigo uma reflexão significativa sobre os seres não humanos, isto é, os seres abióticos, os vegetais e os animais. Nasce, assim, uma ecoteologia que descobre a natureza como palavra de Deus e que enxerga o ser humano em meio às demais criaturas. Mais ainda, indica-se a urgência de convivências respeitadas e a ética do cuidado, uma vez que todos os seres são moradores de uma casa comum. No presente estudo, a Bíblia Hebraica é visitada à procura das trinta e quatro presenças do vocábulo comumente traduzido como “peixe(s)”, sabendo que não ocorrem menções de espécies desse animal aquático. Visa-se à junção dos elementos que, presentes em diversos contextos literário-históricos, estabelecem uma reflexão ecoteológica. Assim, a pesquisa aqui proposta se insere no âmbito da leitura verde dos textos bíblicos. Essa temática, trinta anos atrás, no momento da publicação do documento eclesial “A interpretação da Bíblia da Igreja”, ainda não tinha ganhado maior visibilidade. Hoje, porém, cabe-lhe urgência.

## Abstract

The millennial texts that form the Hebrew Bible bring with them a significant reflection on non-human beings, that is, abiotic beings, plants, and animals. Thus, an ecotheology is born that discovers nature as the word of God and sees the human being amid other creatures. Moreover, it indicates the urgency of respectful coexistence and the ethics of care and/or stewardship since all beings are residents of a common home. In the present study, the Hebrew Bible is visited in search of the thirty-four presences of the word commonly translated as “fish”, knowing that there are no mentions of species of this aquatic animal. The aim is to bring together the elements that, present in different literary-historical contexts, establish an ecotheological reflection. Thus, the research proposed here is part of the green reading of biblical texts. Thirty years ago, at the time of the publication of the ecclesial document “The Interpretation of the Bible in the Church”, this theme had not yet gained greater visibility. Today, however, it is urgent.

## Palavras-chave

Peixes.  
Bíblia  
Hebraica.  
Ecoteologia.  
Ambiente.  
Sociedade.

## Keywords

Fish.  
Hebrew Bible.  
Ecotheology.  
Environment.  
Society.



## Introdução

Coexistências harmônicas e respeitadas entre seres humanos e seres não humanos - o ar, a água, o solo, o calor, a flora e a fauna - serão decisivas para o futuro do planeta terra. Não haverá sobrevivência e/ou *qualidade de vida* para ninguém sem cuidar do ambiente, isto é, da casa comum a todos os seres, investindo-se em convivências amorosas. Em vista disso, *religiões* e *espiritualidades* exercem uma tarefa decisiva, uma vez que os comportamentos dos seres humanos amplamente se encontram motivados por aquilo em que a pessoa põe a sua fé.

A *Bíblia Hebraica*, patrimônio cultural da humanidade e palavra de Deus, ou seja, Sagrada Escritura para judeus e cristãos, traz uma ampla *reflexão ecoteológica* e, com isso, uma proposta de ecoespiritualidade para seus ouvintes-leitores e suas ouvintes-leitoras. Ora ela visa aos elementos abióticos - o ar, a água, o solo e o calor - e, com eles, aos fenômenos climáticos. Ora ela se interessa pelos vegetais e animais. No entanto, isso não ocorre de forma abstrata, mas poético-literária. Mais ainda, a compreensão do mundo nasce do olhar para Deus. Procura-se pela *palavra de Deus*, a fim de refletir sobre a *casa*. Assim, bem se justifica o conceito *ecoteologia*.<sup>1</sup>

A proposta nesta investigação é visitar aqueles textos na Bíblia Hebraica que acolhem os *peixes*. Parte-se da presença dos vocábulos hebraicos comumente traduzidos como “peixe”, isto é, do substantivo masculino (cf. דָּג em Gn 9,2; Nm 11,22; 1Rs 5,13; Ez 38,20; Os 4,3; Jn 2,1<sup>2x</sup>.11; Hab 1,14; Sf 1,3.10; Jó 12,8; 40,31; Sl 8,9; Ecl 9,12; Ne 3,3; 12,39;

<sup>1</sup> Desde 2019, diversos exercícios exegéticos de leitura verde dos textos pertencentes à Bíblia Hebraica foram realizados por membros do Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento). Eis os títulos das investigações publicadas: “Leis deuteronômicas favoráveis à preservação de fauna e flora” (GRENZER; GROSS, 2019); “Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro. Ecoespiritualidade no Salmo 92” (GRENZER, 2020); “Água nos Salmos. Elementos para uma ecoespiritualidade” (GRENZER; RAMOS, 2020); “Árvores nos Salmos. Elementos para uma educação espiritual e ambiental” (GRENZER; AGOSTINHO, 2021); “Econarratividades exodais: A praga das rãs em Ex 7,26-8,11” (GRENZER, 2022); “Pássaros nos Salmos. Elementos para uma ecoespiritualidade” (GRENZER; BARROS; DANTAS, 2022); “Aprendizados com a catástrofe climática (Ex 9,13-35)” (GRENZER, 2022); “A morte do gado (Ex 9,1-7)” (GRENZER, 2023); “A bondade de Deus no templo e na natureza. Leitura verde do Salmo 65” (GRENZER; DANTAS; BARROS, 2023); “Fulgim. Econarratividades em Ex 9,8-12” (GRENZER, 2023); “Gafanhotos na Bíblia Hebraica: suas dimensões socioambientais e teológicas” (GRENZER; FERNANDES, 2023).

13,16; 2Cr 33,14) e do substantivo feminino (cf. הַגָּדָה em Gn 1,26.28; Ex 7,18.21; Nm 11,5; Dt 4,18; Is 50,2; Ez 29,4<sup>2x</sup>.5; 47,9.10<sup>2x</sup>; Jn 2,2; Sl 105,29). A ideia é sistematizar as diversas afirmações e/ou reflexões a respeito desses seres vivos na água, com enfoque nos seguintes itens: (1) A pesca, a venda e o consumo de peixes; (2) A morte dos peixes; (3) A proliferação dos peixes; (4) O domínio sobre os peixes. Como resultado visa-se a mais uma contribuição específica em relação ao conhecimento da ecoteologia bíblica. Esta última, como proposta religiosa e/ou espiritualidade, aparentemente, favorece uma maior qualidade de vida, tanto para os peixes quanto para os seres humanos.

### A pesca, a venda e o consumo de peixes

A Torá permite o consumo de animais aquáticos, isto é, de “tudo” o que vive “na água”, desde que tenha “barbatana (סַנְפִיר) e escama (קַשְׂקֶשֶׁת)” (Lv 11,9; Dt 14,9). Visa-se tanto aos peixes nos “mares” (Dt 14,9), ou seja, na água salgada, como aos peixes nas “torrentes” (Lv 11,9), isto é, na “água” doce (Lv 11,12), ou seja, em rios, lagos, açudes etc. Por mais que a proibição de comer outros animais aquáticos (Lv 11,10-12; Dt 14,10) “limite o acesso de Israel ao mundo animal - um ponto de vista que é de considerável relevância em relação às reflexões ecológicas atuais -”, a permissão de comer peixes, sozinha, dá acesso a uma importante fonte de proteína para o ser humano (HIEKE, 2014, p. 422).

Conseqüentemente, a ictiofauna e a pesca ganham importância. Embora a Bíblia Hebraica não mencione espécies de peixes, há uma ideia sobre a abundância deles em determinados espaços. Nesse sentido, o Egito, com “os peixes que estão no rio” Nilo (Ex 7,21), ganha destaque na “lembrança” (Nm 11,5) dos israelitas. Por mais que a afirmação destes últimos que, durante o período da servidão duramente imposta pelo faraó, “gratuitamente teriam comido peixe” (Nm 11,22) esteja acompanhada de uma boa dose de ironia, parece pressupor-se que o alimento em questão tenha sido mais acessível do que outros. Semelhantemente, o profeta Ezequiel, em uma de suas visões, foca em uma “abundância enorme de peixes”, provocada pelas “águas vivas” de uma “torrente” que, após nascer

junto ao “templo” de Jerusalém, desce rumo ao Mar Morto (Ez 47,9). No caso, ele descreve esses peixes “numerosos como os peixes do mar” (Ez 47,10).

Diversos textos na Bíblia Hebraica aludem também à pesca. De um lado, ocorrem menções de “pescadores (דִּיגִים ou דִּיגִים)” (Is 19,8; Jr 16,16; Ez 47,10). Estes “estão de luto” e são “lamentadores”, “desfalecidos”, “envergonhados” e “pálidos” diante da “degradação” das “águas do mar”, dos “rios” e dos “canais” (Is 19,5-9). Somente ao haver “abundância de peixes” (Ez 47,10), eles têm como exercer bem a sua profissão. De outro lado, visa-se às técnicas e/ou aos instrumentos utilizados para “pescar (דיג)” (Jr 16,16). Ora entram em cena o “anzol (חֶפֶה) lançado” ou “arremessado” (Is 19,8), com o qual “se agarra”, isto é, “se puxa” (Jó 40,25) e “faz subir” o peixe (Hab 1,15), o “cesto de espinhos (צֶן)” (Am 4,2), o “gancho” ou a “fateixa (סִירָה) de pesca (דוּגָה)” (Am 4,2). Ora são mencionados o “arpão (צֶלְצֶל) de peixes” e/ou o “dardo (שֶׁפָּה)” (Jó 40,31). Também se visa à “tarrafa (חֶרֶם)” (Ez 26,5.14; 32,3; 47,10), com a qual os peixes são “arrastados” (Hab 1,15.17) e “feitos subir” (Ez 32,3), à “rede (רֶשֶׁת) estendida” (Ez 32,3), à “rede de caça (מְצוּדָה)” (Ecl 9,12) e/ou à “rede circular (מְכַמְרֵת) esticada”, a qual serve para “recolher” os peixes (Is 19,8; Hab 1,15). Todo tipo de rede, após o seu uso, precisa ser secada e, eventualmente, consertada. Nesse sentido, o espaço do “enxugadouro (מְשֻׁטָּח)” (Ez 26,5.14; 47,10) ganha visibilidade. No mais, junto com os textos bíblicos, “a pesca é atestada arqueologicamente pelos acessórios (pesos de afundamento, redes, âncoras) e espinhas de peixe” (ZANGENBERG, 2022, p. 270).

Por fim, sabe-se que a pesca favorece o comércio, inclusive o internacional. No caso, a Bíblia Hebraica menciona “pessoas de Tiro” como “importadores (מְבִיאִים) de peixe (דָּאג)” (Ne 13,16), pressupondo-se, portanto, os processos de salgadura e/ou de dessecação para a conservação do produto perecível. Além disso, o “portão (שַׁעַר) de peixes (הַדְּגָיִם)” em Jerusalém (Sf 1,10; Ne 3,3; 12,39; 2Cr 33,14) provavelmente recebeu seu nome porque, por perto, teve um mercado com venda de peixe.

## A morte dos peixes

Em diversos momentos, a Bíblia Hebraica realça o quanto os peixes, coexistentes ao ser humano no meio da natureza e servindo a este último como fonte de alimentação, podem deixar de existir. Quer dizer, a catástrofe ambiental da mortandade dos peixes, aparentemente, era também uma experiência nos tempos bíblicos.

Inicialmente, o livro do Êxodo, ao narrar o primeiro sinal da degeneração das águas no Egito (Ex 7,14-25), oferece destaque a esse fenômeno. Pensando no Nilo, com “a transformação das águas em sangue” (Ex 7,17.20), ocorrem “três consequências, que ainda hoje se manifestam nos rios poluídos”: presencia-se “a mortalidade dos peixes, uma vez que estes reagem sensivelmente à deterioração da qualidade da água”; em seguida, “emana o cheiro de putrefação, o qual impede os seres humanos de beber a água contaminada” (cf. Ex 7,18.21) (FISCHER; MARKL, 2009, p. 106). Posteriormente, o orante nos Salmos, ao meditar os “prodígios” ocorridos “na terra de Cam” (Sl 105,27), se lembra dessa “transformação das águas em sangue” e da “morte dos peixes” (Sl 105,29).

Diferentemente, o profeta Isaías descreve um cenário de “enxugamento”, “secura” e, com isso, “devastação do mar (ים)” e a “desertificação” dos “rios (נְהָרוֹת)”, com a consequência de “os peixes, por falta de água, federem e morrerem por sede” (Is 50,2). No caso, a catástrofe ambiental é compreendida como “repreensão” (Is 50,2) por parte do Senhor, Deus de Israel, imaginando que a este pertence o “domínio sobre o âmbito em comum formado por natureza e história” (BERGES, 2015, p. 96).

Em duas visões, Ezequiel contempla a morte dos peixes. Primeiramente, ao descrever “o faraó, rei do Egito”, como “grande crocodilo” (Ez 29,3), o profeta anuncia como este “terá colocado ganchos em suas mandíbulas”, a fim de ser “feito subir dos rios” (Ez 29,4-5). No entanto, investindo em uma “imagem fantástica”, Ezequiel duplamente realça que “todos os peixes do rio colam nas escamas” do animal monstruoso ao este último ser tirado do rio (Ez 29,4), sendo que “os peixes são compreendidos como representantes do exército egípcio ou, mais provavelmente, como

bulício da população egípcia” (GREENBERG, 2005, p. 281). Por fim, “abandonados no deserto”, o crocodilo e “todos os peixes do rio”, “caídos sobre a superfície do campo”, são “entregues como alimento às aves do céu” (Ez 29,5). Em outro momento, ao ilustrar a derrota de Gog, o qual se propõe a triunfar sobre o povo de Deus, Ezequiel visa a “um grande tremor” ou a “um terremoto no solo de Israel”, o qual, entre outros efeitos, provoca que “os peixes do mar tremam” diante de Deus (Ez 38,19-20). Desta vez, portanto, como ilustração do poder divino sobre o cosmo, um abalo sísmico atinge, inclusive, a vida dos animais aquáticos.

Também o profeta Oseias prevê que a ausência de “verdade, lealdade e conhecimento de Deus na terra” (Os 4,1) ou, com outras palavras, a presença de “maldição, enganação, assassinato, roubo e adultério” (Os 4,2) podem atingir a “terra” e, especialmente, a fauna, isto é, “os animais do campo, as aves do céu e, até mesmo, os peixes do mar” (Os 4,3). Estes últimos podem “ser removidos” e/ou “exterminados” (Os 4,3).

Na mesma direção, o profeta Sofonias insiste na possibilidade da aniquilação da terra. Como “dito do SENHOR”, ele prevê a “completa remoção de tudo que há na face da terra” (Sf 1,2). Isto é, os “destroços” ou “escândalos dos perversos” provocam “o fim do ser humano” (Sf 1,3), sendo que esse acontecimento “envolve os demais seres vivos em sua perdição” (IRSIGLER, 2002, p. 99). Quer dizer, chega também o “fim para os animais quadrúpedes, as aves do céu e os peixes do mar” (Sf 1,3). Com isso, a catástrofe é maior do que no momento do dilúvio, uma vez que este último não tinha atingido os peixes (Gn 6,20; 7,22-23). Ou, com outras palavras, em vez de vida borbulhante no mercado, apenas haverá “a voz do grito no portão dos peixes” (Sf 1,10).

## **A proliferação dos peixes**

Contrariamente às visões proféticas, as quais trabalham com a imagem da morte dos peixes, as narrativas sobre a criação e, com elas, a própria natureza, em princípio, encontram-se acompanhadas da dinâmica contrária. Em vez de à morte dos peixes, visa-se à proliferação desses animais aquáticos.

A primeira narrativa sobre a criação em Gn 1,1-2,3 expõe isso de forma impressionante. No quinto dia (Gn 1,20-23), escuta-se o seguinte discurso de Deus: “Que as águas fervilhem um fervilhamento de seres vivos!” (Gn 1,20). Com isso, os animais aquáticos se tornam “a primeira categoria de ser vivente” (FISCHER, 2018, p. 143).

Ao narrar como se cumpre a ordem divina, ouve-se ou lê-se: “E Deus criou os grandes répteis” ou “monstros marinhos e cada ser vivo deslizante, sendo que as águas fervilharam segundo as espécies deles” (Gn 1,21). Portanto, “todos os peixes, mas também os animais pequenos viventes no fundo do mar - caranguejos, ouriços-do-mar etc. - fazem parte desse grupo de criaturas aquáticas” (FISCHER, 2018, p. 144). Lembra-se também que o segundo uso do verbo “criar (ברא)” na narrativa em questão (Gn 1,1.21.27<sup>3x</sup>; 2,3), vocábulo reservado à descrição da ação criativa de Deus, sublinha as origens divinas dos peixes e dos demais seres vivos na água. Também chama a atenção que Deus, outra vez, avalia sua obra como “boa” (Gn 1,21). Ou seja, os peixes “correspondem à intenção divina, incluindo-se os elementos de beleza, propósito e merecimento de louvor” (FRETHEIM, 2012, p. 692-693).

Finalmente, junto com as aves, os animais aquáticos se tornam os primeiros seres a receberem uma bênção divina. Narra-se que “Deus os abençoou, dizendo: ‘Frutificai, proliferaí e enchei as águas nos mares!’” (Gn 1,22). Com isso, os peixes fazem parte daqueles seres aos quais Deus, com o uso da segunda pessoa, dirige o seu primeiro discurso direto. Valoriza-se o mistério da fertilidade e, com isso, da “transmissão da vida”, do “crescimento numérico” e da “expansão geográfica”, incluindo-se as mais diversas águas, chegando-se, em princípio, aos mares, aos rios e aos lagos (FISCHER, 2018, p. 146). Neste contexto, também é interessante observar que a raiz verbal a ser traduzida como “tornar-se numeroso” ou “multiplicar (הגה)” (Gn 48,16), em hebraico, parece dar origem ao vocábulo “peixe (גָּד e/ou הַגָּד)” ou nascer dele.

## O domínio sobre os peixes

Como os textos pertencentes à Bíblia Hebraica compreendem mais exatamente a relação e, com isso, as convivências entre os peixes e o ser

humano? Por se tratar de uma questão atual e urgente em vista do futuro da terra e de quem nela vive, inclusive em vista da tarefa de reler aqueles versículos bíblicos que, no passado, repetidamente foram aproveitados para promover e justificar “uma imagem do ser humano como dominador e devastador” da natureza, seja aberto aqui um espaço maior para o item em questão, porém, estreitando o enfoque para visar, de forma específica, ao domínio do ser humano em relação aos peixes (FRANCISCO, 2018, §67).

A primeira narrativa poética sobre a criação (Gn 1,1-2,3), em forma de discurso direto de Deus, acolhe, por duas vezes, o assunto em questão. Ao falar sobre os seres humanos, Deus diz: “E que dominem (וַיִּרְדּוּ) sobre os peixes do mar” (Gn 1,26). Logo em seguida, ao abençoar os seres humanos, Deus dá a seguinte ordem direta a estes últimos: “E dominai (וַיִּרְדּוּ) sobre os peixes do mar!” (Gn 1,28). Antes de tudo, é necessário observar que se trata de “uma tarefa transmitida, que deve ser cumprida em substituição a Deus e com responsabilidade diante dele” (FISCHER, 2018, p. 150). No caso, segundo a mesma narrativa, o ser humano foi criado como “estátua (צֶלֶם) de Deus” (Gn 1,26-27). Em vez de insistir na semelhança física, cabe à imagem a função de favorecer a memória de quem ela representa, de insistir na relação com este último, também no sentido de provocar que a força do representado continua a ganhar espaço neste mundo (cf. LOHFINK, 1999, p. 31-32). Nessa perspectiva, o domínio do ser humano sobre os peixes jamais poderá ser violento, uma vez que Deus criou os peixes com a intenção de que “as águas fervilhem um fervilhamento de seres vivos” (Gn 1,20). Portanto, o ser humano é convidado a assumir a vocação e/ou função de pastor. Ou seja, como “estátua de Deus” (Gn 1,27), cabe-lhe a tarefa de “cuidar da criatura, e nada mais” (LOHFINK, 1999, p. 45).

Ao se confrontar com a raiz verbal “dominar (רדה)” (Gn 1,26.28), a tradição judaica logo se lembra de outro verbo semelhante, comumente traduzido como “descer (ירד)”. Assim, favorece a seguinte reflexão: “A bênção de Deus para dominar as outras criaturas depende da vivência como pessoas retas” (NERIL; DEE, 2020, p. 8). Contrariamente, o ser humano descera ou será descido, a fim de que os animais o dominem.

Acolhendo novamente a questão da relação entre o ser humano e os animais, inclusive os aquáticos, o livro do Gênesis traz as seguintes palavras como parte do discurso com o qual Deus abençoa Noé e os familiares dele: “Que o temor de vós e o pavor de vós esteja com todo animal da terra, com toda ave do céu, em tudo que se move no solo e em todos os peixes do mar! Foram dados em vossas mãos” (Gn 9,2). Com isso, para o período pós-diluviano, prevê-se a eliminação do perigo mortal que pode partir dos animais selvagens em relação ao ser humano. Isto é, visa-se à superação do estado em que “a terra” se encontra “cheia de violência”, sendo que “toda carne se corrompe” (Gn 6,10-13). Todavia, “o tratamento pós-inundação dos animais pelo homem não pode ir ao ponto de matar e eliminar a fauna; pelo contrário, as convivências devem possibilitar a vida aos animais” (BAUMGART, 1999, p. 371-372). Eis os argumentos que a própria narrativa bíblica oferece em vista dessa compreensão:

Os animais são considerados parceiros de Deus (Gn 9,10), aos quais também se aplicam medidas de manutenção da vida. (2) Noé, o protótipo de Adão, demonstrou com o seu comportamento (Gn 6,19-22) que o homem não deve abandonar a proteção dos animais, mesmo no meio de um cenário de violência e catástrofe. (3) Segundo Gn 8,17, Deus prevê que a fauna habite a terra, seja fecunda e numerosa no mundo. Os animais só podem ser abatidos para fins alimentares, mas é necessária a abstinência do sangue e, por conseguinte, o respeito pela vida (BAUMGART, 1999, p. 372).

Portanto, vale também em relação aos peixes que o livro do Gênesis não permite um comportamento violento e prejudicial por parte do ser humano. Pelo contrário, ao considerar o conjunto da obra literária, trata-se de um “domínio” (Gn 1,26.28) nos moldes de “o ser humano estar a serviço do solo” (Gn 2,5), a fim de “cultivar e guardar o jardim do Éden” (Gn 2,15) e, conseqüentemente, o mar, os rios e os lagos, com todos os animais aquáticos neles existentes. Isto é, “dominar (רדה)” (Gn 1,26.28) no sentido de “comandar”, e “subjugar (כבש)” (Gn 1,28) no sentido de “ocupar espaço” com responsabilidade. Enfim, por mais que Gn 9,2-3 permita “a matança de animais, de um lado, como defesa contra o perigo para a própria vida, mas também para a vida dos animais de criação ou domésticos, e, de outro, em vista do abate e da caça como base para a alimentação”, ganha destaque “o compromisso de aliança” assumido por Deus “incluindo-se os animais”, sendo

que a estes últimos cabe “o direito à vida e um valor intrínseco”, no sentido de que “os animais não foram criados apenas para a usabilidade do ser humano” (NEUMANN-GORSOLKE, 2016, p. 64-65).

Assim, a convivência do ser humano com os peixes inclui a oportunidade de relacionar-se de forma positiva com as criaturas em questão, semelhantemente a Salomão, que, em toda a sua sabedoria, também “falava sobre os peixes” (1Rs 5,13). Nesse sentido, a Bíblia Hebraica favorece duas compreensões. De um lado, o legislador deuteronomista alerta em relação à necessidade de reconhecer os peixes como criaturas. Por não lhes caber nenhum tipo de divindade e/ou para evitar a divinização dos animais, ele prescreve: “Não vos corrompais e não façais, para vós, uma imagem esculpida de qualquer coisa” (Dt 4,16), inclusive “nenhuma imitação de qualquer peixe que está na água debaixo da terra” (Dt 4,18).

De outro lado, por sua vez, visa-se à oportunidade preciosa de aprender com os peixes. Diante dos mistérios que a vida apresenta ao ser humano, este é convidado a “considerar a terra para que ela o instrua”, com a possibilidade de também “os peixes do mar lhe contarem” que tudo “foi feito pela mão do SENHOR” (Jó 12,8-9). E, justamente em vista dessa sua qualidade de “obras das mãos” divinas, cabe ao ser humano assumir a tarefa de, para o bem comum, “governar (משל)” todos os outros seres, inclusive “os peixes do mar” (Sl 8,7.9). Vale recuperar, em especial, a consciência de que o Criador “fez o ser humano como os peixes do mar” (Hab 1,14). Ambos são criaturas e, muitas vezes, ambos se encontram expostos ao perigo de ficarem presos na “rede” do mais forte (Hab 1,15). Além disso, o ser humano até pode recuperar sua vocação profética e, com isso, sua sensibilidade à palavra de Deus, quando “o SENHOR designa um grande peixe” para que, “engolido” por este último, “esteja nas entranhas do peixe durante três dias e três noites” (Jn 2,1) e, “das entranhas do peixe, reze para o SENHOR, seu Deus” (Jn 2,2). Assim, o peixe se torna espaço de oração. Depois disso, “o SENHOR irá ordenar ao peixe vomitar” o profeta “rumo à terra firme” (Jn 2,11). Com isso, tendo descido, junto ao peixe, às profundezas da criação, o ser humano poderá reassumir sua missão profética.

## Considerações finais

Trinta anos atrás, o documento eclesial “A interpretação da Bíblia na Igreja” pediu que “os exegetas, em seus trabalhos, adotem novos pontos de vista que correspondam a correntes de pensamento contemporâneas que não obtiveram, até aqui, uma importância suficiente” (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993, p. 74). No caso, o documento em questão mencionou as “circunstâncias econômicas, sociais e políticas dos países da América Latina”, com o nascimento da Teologia da Libertação, e o “contexto sociocultural da luta pelos direitos da mulher”, especialmente nos Estados Unidos (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1993, p. 74 e 78). Ambas as temáticas tinham provocado importantes releituras da Bíblia que, não poucas vezes, precisavam opor-se a preconceitos e/ou leituras errôneas anteriores. Assim, em nível comunitário e acadêmico, descobriu-se que a Sagrada Escritura, em princípio, amplamente visa à libertação dos oprimidos e à dignidade da mulher. São questões inerentes à fé em Deus. Não as acolher significaria não ouvir a palavra divina.

Nos últimos anos, por sua vez, com a crise ecológica e/ou os desastres ambientais, a questão da *preservação do ambiente* ganhou maior urgência. Tanto o ar, a água, o solo, o calor e, com isso, os fenômenos climáticos, quanto os vegetais e os animais se tornam uma grande preocupação. Com isso, surgiram também novas e importantes releituras da Sagrada Escritura no âmbito da Exegese e/ou Teologia Bíblica. Impôs-se a questão sobre a relação entre “Bíblia e ecologia”. Trinta anos atrás, tais *leituras verdes* ainda não tinham entrado no horizonte da Pontifícia Comissão Bíblica.

Em vista disso, a presente pesquisa revisitou a Bíblia Hebraica para destacar o que essa obra literária milenar, em trinta e quatro momentos, de forma poética e inserida em seu contexto histórico-cultural, traz de reflexão teológica sobre os peixes. No caso, foi possível descrever que (1) existe uma valorização dos peixes como macronutriente, entrando no horizonte também a pesca e a comercialização do alimento. No entanto, também (2) se conhece o perigo de os peixes morrerem e, com isso, de faltar alimento, enquanto (3), em princípio, se espera pela proliferação dos peixes. Em vista disso, por sua vez, (4) nasce a questão importante e atual quanto ao domínio a ser exercido

pelo ser humano. No caso, o conjunto dos textos formadores da Bíblia Hebraica insiste em convivências harmoniosas e respeitadas entre todos os seres existentes na terra, humanos e não humanos. Reconhece-se a origem de cada criatura no Deus criador. Com isso, cabe, ao ser humano, a vocação de aprender, com as criaturas coexistentes a ele, a guardá-las e/ou preservá-las. Sabendo que, de forma automática e/ou simplesmente garantida, nenhum recurso natural está a sua disposição, devem prevalecer sempre a gratidão, a disponibilidade de aprender, a admiração e o respeito por todos os seres. Nada foi “colocado nas mãos” do ser humano (Gn 9,2) para que este o destruísse, maltratasse e/ou subjugasse violentamente a si.

## Referências bibliográficas

- BAUMGART, Norbert Clemens. *Die Umkehr des Schöpfergottes. Zu Komposition und religionsgeschichtlichem Hintergrund von Gen 5-9*. Freiburg: Herder, 1999.
- BERGES, Ulrich. *Jesaja 49-54*. Freiburg: Herder, 2015.
- FISCHER, Georg. *Genesis 1-11*. Freiburg: Herder, 2018.
- FISCHER, Georg; MARKL, Dominik. *Das Buch Exodus*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2009.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRETHEIM, Terence E. *Genesis and Ecology*. In: EVANS, Craig A.; LOHR, Joel N.; PETERSEN, David L. *The Book of Genesis. Composition, Reception, and Interpretation*. Leiden: Brill, 2012, p. 683-706.
- GREENBERG, Moshe. *Ezechiel 21-37*. Freiburg: Herder, 2005.
- GRENZER, Matthias; GROSS, Fernando. Leis deuteronômicas favoráveis à preservação de fauna e flora. *Pistis & Praxis* (Curitiba), v. 11, p. 778-791, 2019.

- GRENZER, Matthias. Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro. Ecoespiritualidade no Salmo 92. *Atualidade Teológica* (Rio de Janeiro), v. 24, p. 66-86.
- GRENZER, Matthias; RAMOS, Marivan Soares. Água nos Salmos. Elementos para uma ecoespiritualidade. *Revista Eclesiástica Brasileira* (Petrópolis), v. 80, p. 750-763, 2020.
- GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. Árvores nos Salmos. Elementos para uma educação espiritual e ambiental. *Encontros Teológicos* (Florianópolis), v. 36, p. 439-456, 2021.
- GRENZER, Matthias. *Econarratividades exodais: A praga das rãs em Ex 7,26-8,11*. In: GUIMARÃES, Edward; SBARDELOTTI, Emerson; BARROS, Marcelo. (Org.). 50 anos de Teologia da Libertação. Memória, revisão, perspectivas e desafios. São Paulo: Recriar, 2022, p. 129-142.
- GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. Pássaros nos Salmos. Elementos para uma ecoespiritualidade. *Revista Eclesiástica Brasileira* (Petrópolis), v. 82, p. 115-129, 2022.
- GRENZER, Matthias. Aprendizados com a catástrofe climática (Ex 9,13-35). *Perspectiva Teológica* (Belo Horizonte), v. 54, p. 375-391, 2022.
- GRENZER, Matthias. A morte do gado (Ex 9,1-7). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* (São Bernardo), v. 89, p. 80-92, 2023.
- GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos; BARROS, Paulo Freitas. A bondade de Deus no templo e na natureza. Leitura verde do Salmo 65. *Encontros Teológicos* (Florianópolis), v. 38, p. 171-196, 2023.
- GRENZER, Matthias. Fuligem. Econarratividades em Ex 9,8-12. *Cadernos de Sion* (São Paulo), v. 4, p. 8-18, 2023.
- GRENZER, Matthias; FERNANDES, Leonardo Agostini. Gafanhotos na Bíblia Hebraica: suas dimensões socioambientais e teológicas. *Revista de Cultura Teológica* (São Paulo), v. 31, p. 115-130, 2023.
- HIEKE, Thomas. *Levitikus 1-15*. Freiburg: Herder, 2014.
- IRSIGLER, Hubert. *Zefanja*. Freiburg: Herder, 2002.
- LOHFINK, Norbert. *Die Gottesstatue: Kreatur und Kunst nach Genesis 1*. In: LOHFINK, Norbert. Im Schatten deiner Flügel: Grosse Bibeltex te neu erschlossen. Freiburg: Herder, 1999.

NERIL, Yonatan; DEE, Leo. *Eco Bible. Volume 1: An Ecological Commentary on Genesis and Exodus*. Jerusalem: The Interfaith Center for Sustainable Development, 2020.

NERIL, Yonatan; DEE, Leo. *Eco Bible. Volume 2: An Ecological Commentary on Leviticus, Numbers, and Deuteronomy*. Jerusalem: The Interfaith Center for Sustainable Development, 2020.

NEUMANN-GORSOLKE, Ute. “*In eure Hand sind sie gegeben ...*” (Gen 9,2). *Tiertötung im Alten Testament*. In: JOACHIMIDES, Alexis; MILLING, Stephanie; MÜLLNER, Ilse; THÖNE, Yvonne Sophie. Opfer - Beute - Hauptgericht. Tiertötungen im interdisziplinären Diskurs. Bielefeld: Transcript, 2016, p. 47-67.

ZANGENBERG, Jürgen K. *Fishing*. In: BERLEJUNG, Angelika (ed.). *Encyclopedia of Material Culture in the Biblical World. A New Biblisches Reallexikon*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2022, p. 269-279.

Trabalho submetido em 25/07/2023.

Aceito em 04/12/2023.

Matthias Grenzer

Possui Bacharelado em Teologia (Philosophisch-Theologische Hochschule St. Georgen Frankfurt am Main: 1989), Mestrado em História (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2013), Doutorado em Teologia (Philosophisch-Theologische Hochschule St. Georgen Frankfurt am Main: 1995) e Pós-Doutorado em Teologia (PUC-Rio: 2016). É professor da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3490-3112>. E-mail: [mgrenzer62@gmail.com](mailto:mgrenzer62@gmail.com)

Fernando Gross

Bacharel em Teologia (1996: UNISAL), Filosofia (1990: UNISAL) e Pedagogia (1992: Faculdades Integradas de Cruzeiro), Mestre e Doutor em Teologia (2017 e 2023: PUC-SP). Leciona na Faculdade de Teologia da PUC-SP e no Centro Cristão de Estudos Judaicos. Membro do Grupo de Pesquisa TIAT. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7449-2341>. E-mail: [grossfernando@gmail.com](mailto:grossfernando@gmail.com)